

# A modernidade jesuítica e a *História do Futuro* de Antônio Vieira

Jesuit Modernity and the *History of the Future* by Antonio Vieira

Beatriz Helena Domingues\*

## Abstract

This article argues that in some of Antonio Vieira (1608-1697)'s writings, more precisely in his *History of the Future*, it would be possible to visualize an interesting dialogue between one of the best neoscholastic formulations and the new XVII century philosophy and science, questioning as well interpretations that draw a radical dichotomy between Jesuit thought and Descartes' philosophy and Galileo's science.

Keywords: Antônio Vieira, Seventeenth Century Jesuit Thought, Modern science and philosophy.

## Resumo

Este artigo trabalha com a hipótese de que em alguns escritos de Vieira (1608-1697), mais precisamente em *A História do Futuro*, seria possível visualizar um interessante diálogo do neotomismo em uma de suas melhores formulações com a nova filosofia e com a nova ciência do século XVII, questionando visões dicotômicas que separam radicalmente as formulações jesuíticas daquelas da ciência de Galileu e da filosofia de Descartes.

Palavras-chave: Antônio Vieira, Pensamento jesuíta do século XVII, Ciência e filosofia modernas.

*A História do Futuro*<sup>1</sup> de Antônio Vieira foi a obra do autor por mim escolhida para problematizar interpretações que estabelecem uma ruptura, uma dicotomia fundamental, entre o aristotelismo tomista e a filosofia e ciência modernas, vistas como uma "superação" (negação) da escolástica tomista. Incorporando o discurso filosófico-científico do século XVII, Vieira anuncia que vai fazer uma "interpretação científica da Bíblia" afim de descobrir

\* Prof.ª Dr.ª do Departamento de História da Universidade Federal de Juiz de Fora.

<sup>1</sup> Vieira escreveu os famosos 202 sermões, editados em 15 volumes, a partir de 1679 até o ano de 1748; *A História do Futuro*, publicada em 1718; e *Cartas*, publicadas em 1735. A edição aqui utilizada da *História do Futuro* é a de Jose van den Besselaar. 2 vols. Munster: Aschendorfsche Verlagsbuchhandlung, 1976.

o que está “encoberto nos abismos e obscuridade do futuro”<sup>2</sup>. No fundo, interpretar as Escrituras corresponderia a entrar no tempo, pois “os futuros, no decorrer do processo histórico, vão se chegando cada vez mais a nós e nós a eles”. Como as profecias foram escritas há muito tempo, há também muito tempo que o futuro está se aproximando de nós. A aproximação do futuro pode ser *demonstrada* pela aproximação entre natureza e universo que vem permitindo, “em nosso tempo” uma maior clareza e distinção de idéias devido à nossa proximidade do milênio<sup>3</sup>. A proximidade do futuro é a diferença fundamental estabelecida por Vieira entre o seu próprio tempo, “o moderno”, e os tempos antigos, mas que não é extensiva aos homens de ambas as épocas: “Eu sei mais que os padres da Igreja, não por méritos próprios, mas por estar mais próximo do futuro: um pigmeu no ombro de um gigante pode ver mais que o próprio gigante”<sup>4</sup>.

Não seria essa uma leitura moderna da controvérsia entre antigos e modernos? Eu diria que sim, com a ressalva de que a valorização dos modernos por Vieira, ao invés de rejeitar a escolástica, procura completá-la afim de que se possa dar prosseguimento ao importante trabalho iniciado pela Patrística. Com os antigos, nos diz Vieira, não vamos longe. Mas que direitos temos nós modernos de ter opiniões diferentes dos antigos se foram eles que abriram o caminho e deram espaço para nós? A saída oferecida por ele é reinterpretar toda a história da Igreja visando demonstrar que os modernos estão mais próximos de Cristo<sup>5</sup>. De acordo com sua “visão progressista”, quanto mais a Igreja cresce (progride), mais se enche de luzes, devido “à proximidade de Cristo e do Novo Mundo” (fim do mundo), proporcionada pelo avanço do conhecimento. Longe de assumir uma atitude de repulsa ou indiferença pelos progressos da ciência, Vieira relaciona os avanços da geografia, cronologia e astronomia com a criação das condições necessárias ao advento do milênio. Com a descoberta do hemisfério sul, denominado por ele “o hemisfério do futuro”, a Igreja pôde tomar-se justa e equânime, e o milênio finalmente teve o seu início. O maior problema da Patrística é que seus representantes não sabiam cartografia (“Agostinho negava até mesmo a existência de alguém no hemisfério sul”), sendo obrigados a recorrer à alegoria para explicar quem era Cristo. Os novos descobrimentos marítimos e o encontro com os supostos antípodas deram

<sup>2</sup> VIEIRA, Antônio. *História do Futuro*. Cap. IV, onde o autor discute as utilidades de uma “história do futuro”.

<sup>3</sup> O pressuposto de aproximação entre natureza e universo é também visível na disposição dos cientistas modernos de estender as leis da física celeste à física terrestre. Mas as leis da natureza não constituem o alvo de Vieira: a natureza, bem como o universo, são como que emblemáticos da relação do homem com o próprio criador.

<sup>4</sup> O próprio Vieira se descreve como alguém que está assistindo ao fim da “Divina Comédia”.

<sup>5</sup> A vida de Cristo, mais do que a dos santos, é o referencial da espiritualidade jesuítica. Ver MALLEY, John. *First Jesuits*. Cambridge, Massachusetts: University of Cambridge Press, 1993, pp.270-3.

aos modernos condições de ver, e demonstrar, o que as Escrituras de fato queriam dizer. Além de estar dizendo que o avanço das ciências ilumina a compreensão das escrituras, particularmente de partes mais polêmicas das mesmas, Vieira me parece estar afirmando, com seus contemporâneos filósofos e cientistas, que ele finalmente está oferecendo não uma interpretação, mas a interpretação da Bíblia, aquela que “porá fim às dúvidas e disputas que caracterizaram os séculos anteriores”.

Como Descartes e Galileu, Vieira está dizendo que “não é como se fosse, ou é provável que fosse, é”. Uma afirmação que teria sido, segundo Benjamin Nelson, o argumento decisivo de Descartes e de Galileu contra o ficcionalismo e o probabilismo medievais, afirmando a certeza que poderia ser oferecida pelo subjetivismo filosófico (“penso, logo existo”) e pela real descrição da face oculta da natureza através das fórmulas matemáticas da física moderna. Nos parece que Vieira não está longe dessa convicção da superioridade dos modernos poderem oferecer uma verdade até então oculta, embora as certezas que ele oferece tenham ainda por base e alvo a teologia<sup>6</sup>, ilustrando seu pertencimento a uma “modernidade medieval”<sup>7</sup>.

Como outros autores modernos de seu próprio tempo, Vieira inicia *A História do Futuro* advertindo o leitor que todas as outras histórias escritas até então contam as coisas passadas, enquanto a história que ele se propõe a escrever fala de coisas que estão por vir. *A seguir, critica todos os séculos anteriores como sendo fantásticos* (“Agora todos os reinos e coroas se unirão”), e avisa os portugueses que são eles os enviados para fundar o império do mundo. É lutando contra um mundo visto de modo trágico e desenganado que ele encontra sentido para a própria vinda do reino de Cristo. Mas o *método*, segundo ele, não é pura fantasia. Tanto que a *veracidade do método* de uma história do futuro seria garantida por suas fontes: os profetas, aqueles que de fato conheceram<sup>8</sup>. Busca da veracidade através da obediência aos passos estipulados pelo método, são atitudes comuns a jesuítas e mecanicistas do século XVII. Desde os *Exercícios Espirituais*, texto fundador e norteador da Ordem dos Jesuítas, a idéia de método está presente. Alguns consideram mesmo possível ver nos *Exercícios Espirituais* uma espécie de guia metodológico para a con-

<sup>4</sup> Ao mesmo tempo que poderíamos ver em Vieira um otimista que, diferentemente da maioria de seus conterrâneos, ao invés de simplesmente lamentar a queda do Império português, mantém-se confiante na possibilidade (para ele certeza) da restauração do império, propondo inclusive medidas concretas para fazê-lo, ele próprio assume que a sua *História do Futuro* é também o reconhecimento de um fracasso, seja porque o livro ficou inacabado, seja porque a leitura af proposta das Escrituras não foi feita, ou porque Vieira, como outros milenaristas, nunca viu realizada a sua utopia.

<sup>7</sup> Modernidade Medieval foi uma categoria por mim desenvolvida para explicar a complexa inserção dos ibéricos nos tempos modernos. Ver *Tradição na Modernidade e Modernidade na tradição. A Modernidade Ibérica e a Revolução Copernicana*, Rio de Janeiro, COPPE, 1996.

<sup>8</sup> Por isso nossa principal e única fonte são as Sagradas Escrituras, cujo autor é Deus. (Vieira, Op.cit.)

versão, onde o respeito e a obediência às fases e procedimentos prescritos é fundamental<sup>9</sup>. Tal como lá prescrito, o método, para ser eficaz, tem que ser único e seguido por todos da mesma maneira. Não seria esse também a justificativa de Descartes, Bacon e Galileu para a eficácia de seus respectivos métodos? Do ponto de vista dos jesuítas, tal tipo de aposta não entraria em choque com a noção de casuística em matérias morais e políticas?

Embora seja amplamente reconhecido que o cerne das preocupações de Vieira foi a moral, isso não nos impede de identificar, no interior mesmo dessa preocupação, um posicionamento sobre as mudanças filosóficas, científicas e políticas que estavam ocorrendo na Europa e na América. O tema da *História do Futuro* - a vinda do V império, o lugar transcendental que cabe a Portugal nesse processo - não tem por certo uma relação imediata com as novas idéias filosóficas e científicas. Mas a leitura do texto deixa transparecer preocupações características do século XVII: a busca de poucas porém garantidas certezas e a conseqüente busca do método mais adequado para fazê-lo, o dilema ibérico de explicar sua relativa decadência em relação à Idade de Ouro dos séculos XV e XVI, a afirmação da Igreja católica frente ao avanço protestante, o tema do demônio<sup>10</sup>, etc.. A busca da *Verdade* (palavra ele usada no singular), conduz Vieira a um estreitamento do espaço para especulações e (im)probabilidades em nome da busca de poucas e decisivas verdades, como o fazem Descartes e Galileu. Não estaria tal procedimento afastando-o do *minus probabilismo* característico do pensamento jesuítico neste período? Como tentarei mostrar, tal afastamento se dá basicamente em matérias teológicas, não em filosofia moral e natural, temas aos quais se aplica o relativismo implícito na teoria do *minus probabilismo*: é o caso, por exemplo, da avaliação da cultura e religião indígena. Como o principal objetivo de Vieira na *História do Futuro* era provar a proximidade do milênio - uma tese teológica ainda que profundamente mesclada com história e política - ele aponta como sua única fonte e garantia da verdade as profecias, tal qual apareciam nas Escrituras Sagradas. Exatamente por serem muito antigas, tais profecias eram as mais capacitadas para anunciar o futuro, agora tão perto de Vieira e de seus contemporâneos modernos, a ponto de lhes ser possível finalmente entender o que elas queriam dizer. Neste ponto não havia espaço para dúvidas ou probabilidades: trata-se de uma verdade imutável no tempo e no espaço, embora somente os tempos recentes tenham permitido o acesso às chaves de sua decifração.

<sup>9</sup> MORA, José Ferrater. *Cuestiones disputadas. Ensayos de filosofía*. Madrid, Revista del Occidente, 1955; EVENNET, T. Outram. *The Spirit of the Counter Reformation*. Cambridge University Press, 1968.

<sup>10</sup> Vide DELLUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente. 1300-1800*. São Paulo, Cia das Letras, 1978.

Apesar da motivação diferente de Galileu e Descartes - respectivamente o deciframento da natureza e da mente humana - me parece que também eles estão afirmando, como Vieira, que a verdade por eles recém-descoberta é uma verdade antiga, não no sentido de ter sido enunciada por qualquer texto ou autor, mas no sentido de corresponder à forma como a natureza e a razão humana de fato se estruturam. Descartes não inventou leis para o raciocínio humano, nem Galileu o fez para a natureza e o universo. Limitaram-se a descobrir o que sempre tinha sido desta forma, mas as amarras e censuras não permitiram aos seus predecessores terem acesso. Já a veracidade da *História do Futuro*, da aproximação do milênio, é garantida não só pela veracidade do que está sendo afirmado, mas principalmente pela autoria divina do texto bíblico (um pressuposto medieval, mas sobre a veracidade do qual Vieira argumenta modernamente).

Segundo Vieira "as profecias comandam a história". Quando fala da verdade nos capítulos IX a XII, Vieira distingue, escolasticamente, os fundamentos sobrenaturais e os naturais da *História do Futuro*. Tal história tem "por bases muito seguras" três fontes: as profecias canônicas e não canônicas, as interpretações que os Padres e Doutores lhes deram, e o raciocínio humano nesta ordem de prioridade<sup>11</sup>. A explicação para eventos históricos que os historiadores de seu próprio tempo vinham tendo dificuldade em encontrar (como a libertação de Portugal do domínio espanhol, por exemplo) decorria do fato de não entenderem tal vitória como algo que já estava profetizado há muito tempo atrás. Vieira garante, sem margem a dúvidas, que foi a força da profecia que permitiu aos portugueses desafiar uma correlação de forças aparentemente invencível. E previne: "Os sucessos da guerra devem ter ensinado aos castelhanos a proteção divina ao povo português, frustrando-lhes todas as esperanças e projetos"<sup>12</sup>.

Se a referência à razão humana denuncia um envolvimento de Vieira com um dos temas centrais no século XVII, o posicionamento da razão em situação inferior às profecias não-canônicas e às interpretações da patrística denuncia seu pertencimento a uma "modernidade medieval", compromissada em atualizar a escolástica com os novos temas e abordagens da filosofia e da ciência, sem abrir mão de aspectos essenciais, como a superioridade da teologia em relação às demais áreas do saber, então questionadas pela filosofia e pela ciência modernas. Vieira se propunha a mostrar, e mesmo a

<sup>11</sup> Vieira, op. cit. cap. IX

<sup>12</sup> Vieira, op. cit., cap. VIII, p.125. Ele se refere também a outras vitórias "inesperadas" na história, enfatizando que só o foram para aqueles que não sabiam ler as profecias. A de Alexandre Magno é uma boa ilustração de sua máxima segundo a qual nenhuma vitória militar ocorre sem que tenha sido antes profetizada. A confiança e coragem de Alexandre não advinham do controle que tinha sobre a fortuna mas da confiança na previsão das vitórias futuras. E das conquistas foram incomparavelmente enormes que as dos portugueses.

*demonstrar*, compartilhando do espírito metodológico-científico de seu tempo, o primado da verdade da religião no processo de “declínio da magia”<sup>13</sup>, tal qual expresso nas profecias. Como o de Bacon, seu “método histórico” propõe-se a dismantelar os ídolos do passado - aqui identificados com as ciências divinatórias - em nome da fé, ancorada na profecia. O sucesso de que gozaram tais ciências divinatórias se deve à natural atração exercida pelo futuro, pelo desconhecido. “É o apetite pelo futuro que move os homens”<sup>14</sup>. Sem se descuidar, pelo contrário, priorizando tal aspecto da psicologia humana, Vieira elabora uma breve “história da curiosidade humana a respeito do futuro”, do desconhecido, desde Sócrates e Platão até os modernos. A rigor, considera a curiosidade em relação ao futuro tão antiga quanto o “fruto proibido” oferecido pelo Diabo no Paraíso. Mas, até o seu próprio tempo, adverte-nos ele, “todos os procedimentos para desvendar o futuro, inclusive os pactos com o demônio”, vinham se mostrando inoperantes.

O sentimento de solidão que dá o tom do trabalho de Vieira, como o das *Meditações* de Descartes, sugere uma não satisfação com as explicações em vigor e a conseqüente apresentação de uma interpretação até então inédita. Descartes declara haver sentido necessidade de deixar para trás, de eliminar toda a tradição escolástica que havia sido-lhe imposta em seus anos de formação, e sair pelo mundo a fim de vê-lo e julgá-lo com seus próprios olhos. Enquanto parte de um projeto de modernização da escolástica em tempos arredios a ela, também Vieira declara entrar na *História do Futuro* “só e solitariamente (mais que Noé no meio do Dilúvio) sem companheiro nem guia, sem estrela nem farol, sem exemplar nem exemplo”<sup>15</sup>. A única certeza que pode nos fazer ir adiante é a crença na benevolência divina, capaz de salvar a nossa frágil barquinha, conforme *já escrito*, e portanto previsto, nas profecias. “Ninguém, contudo, se atreveu até agora a entrar com ela por estes abismos e escuridades do futuro, como nós prometemos fazer, - empresa e ousadia que mais merece o nome de temeridade que de confiança”<sup>16</sup>.

Mas a crença vieiriana na necessidade de idéias claras e distintas, que nos faz lembrar Descartes, se dirige, como já foi dito, para o melhor *entendimento e esclarecimento* das Escrituras. A primeira utilidade por ele enumerada para a *História do Futuro* é que “os homens conheçam *clara e firmemente* que a revelação de todas as coisas vem de Deus”<sup>17</sup>. E ele próprio se apresenta como um *instru-*

<sup>13</sup> Utilizo-me aqui de expressão amplamente usada por THOMAS, Keith. *Religião e Declínio da Magia*, São Paulo: Cia das Letras, 1980.

<sup>14</sup> VIEIRA, A. *História do Futuro*. p.70.

<sup>15</sup> *Idem*. p.74

<sup>16</sup> *Ibidem*. p.164

<sup>17</sup> *Ibidem*. p.89

mento (não um autor), capaz de interpretar corretamente as Escrituras (“guardiãs das profecias” escritas por Deus). A primeira proposição poderia ser aceita pelos protestantes, que valorizavam na nova ciência a possibilidade de melhor demonstrar o poder e a glória de Deus<sup>18</sup>. Mas a possibilidade de intermediários - institucionais ou pessoais - para fazê-lo, que tanto caracteriza o pensamento de Vieira e dos jesuítas, certamente não o seria. Neste sentido, me parece que seria mesmo plausível argumentar que os protestantes estiveram mais sintonizados com a busca pela certeza subjetiva oferecida pelo católico Descartes devido à sua ênfase no contato individual com Deus e as Escrituras. Já os jesuítas estavam mais aptos a abraçar a busca por uma certeza objetiva (mais semelhante à dos cientistas modernos), ainda que priorizando matérias teológicas. A certeza oferecida por Vieira é objetiva e teológica: trata-se da interpretação final, última e definitiva das Escrituras, que não pode ser tomada como uma interpretação pessoal (que poderia soar como um clamor a uma livre interpretação da Bíblia).

A razão humana era por ele identificada com a crença na Providência, e a ausência de razão com a incredulidade, que põe em risco a paciência divina, conforme exemplarmente ilustrado pela experiência dos hebreus no deserto<sup>19</sup>. Entre razão e teologia, a relação é de complementaridade hierárquica: a razão natural é iluminada pela razão teológica, e é isso que a torna racional. A fé em Deus é, portanto, a fonte da racionalidade humana. O pressuposto medieval de tal postulado é acompanhado, entretanto, de uma advertência moderna: a sobreposição da fé ao que Vieira denomina “discurso da esperança”, não faz do mundo um lugar sujeito constantemente a milagres. A supremacia da fé é fruto da *forma como Deus estruturou a natureza* e não de um *milagre*. O “discurso da esperança” corresponderia ao discurso baseado em uma *falsa racionalidade*, supostamente baseada em evidências. É um discurso falso porque desvincula a razão daquele que está por trás dela (Deus), não reconhecendo que “os homens (quando assim lhe concedemos) discorrem com a razão, e Deus obra sobre a mesma (razão)”<sup>20</sup>. O discurso da debilidade portuguesa, por exemplo, não vê a possibilidade de os portugueses se libertarem do jugo espanhol porque se ampara na “evidente superioridade militar dos últimos”, uma realidade apenas aparente. Esquecem-se seus autores e seguidores que se Portugal já teve um passado tão glorioso, nada o impede de vir a ter um futuro igualmente glorioso, especial-

<sup>18</sup> Sobre a recepção da filosofia e ciência modernas pelos protestantes nos séculos XVI e XVII ver Charles Webster ‘Puritanism, Separatism, and Science’ in LINDBERG, David & NUMBERS, Ronald, *God & Nature. Historical Essays on the Encounters between Christianity and Science*. Berkeley, CA, London: University of California Press, 1986, pp.192-217.

<sup>19</sup> VIEIRA, A. Op. Cit., p.95

<sup>20</sup> Idem, p.155

mente se tal glória está prevista nas profecias. E, de fato, Vieira nos garante que as profecias prometem para Portugal um futuro ainda mais glorioso que o tempo das Grandes Navegações:

*Naqueles ditosos tempos (mas menos ditosos que o futuro) nenhuma coisa se lia no mundo que não as navegações e conquistas dos portugueses. Esta história será o silêncio de todas as histórias. Os inimigos (castelhanos) lerão nelas suas ruínas, os êmulos suas invejas, e só Portugal suas glórias<sup>21</sup>.*

*Mais temo eu a Portugal os perigos da opulência que os danos da necessidade<sup>22</sup>.*

A preocupação com a explicitação dos conceitos, com a utilidade do que está sendo apresentado ao leitor, e com a demonstração ou com a prova do que está sendo exposto, perpassa toda a obra, começando pela própria estruturação dos capítulos. Vieira inicia explicando o título: o primeiro capítulo se propõe a explicar o que seria uma *História do Futuro*; o segundo, o papel de Portugal na realização do império cristão universal anunciado para um futuro próximo; e o terceiro propõe-se a *provar (demonstrar)* que a esperança do advento de um novo império “é algo provável e mesmo *certo*”. Ao enumerar os 7 livros da *História do Futuro*, conclui que todos eles se referem a coisas “que se há de examinar, resolver, provar”: é uma questão de se ler, “com os olhos e os novos conhecimentos já adquiridos pelos modernos”, as mesmas profecias antiquíssimas que os próprios Padres da Igreja foram incapazes de interpretar devido à sua ignorância em cronologia (“falta da verdadeira e exata cronologia”), geografia, etc.<sup>23</sup>. Ou seja, o que tem que ser mudada é a interpretação, e não a fonte. A mesma escolástica que não respondia satisfatoriamente as várias questões em um passado recente pode agora vir a fazê-lo com o auxílio das novas ciências. Ao discorrer sobre isso, Vieira acrescenta uma longa discussão sobre os antípodas e os descobrimentos portugueses, ambas já profetizados pela Bíblia<sup>24</sup>.

Quando propõe-se a demonstrar o por que se deve *crer* na *História do Futuro* concentra seus argumentos na inquestionabilidade do autor das profecias, e na clareza e distinção com que as mesmas podem ser lidas nos tempos atuais. Como no racionalismo cartesiano é a partir de uma verdade clara e distinta que deduzem-se todas as demais. A rigor, o pressuposto de uma verdade a partir derivam as

<sup>21</sup> Ibidem, p.82

<sup>22</sup> Ibidem, p.125

<sup>23</sup> Ibidem, 83

<sup>24</sup> Outra interessantíssima combinação no pensamento de Vieira é entre o ideal universalista (medieval) sobre o qual se apresenta a idéia de milênio (de um império religioso transnacional), e o particular, referente aos estados nacionais europeus em estado de formação ou recém-formados, e às novas regiões do mundo que se descortinavam para os europeus.



demais era já o ponto de partida da escolástica medieval: quando Tomás de Aquino elaborou sua síntese entre cristianismo e aristotelismo, esse já havia misturado as suas águas com o neoplatonismo<sup>25</sup>. Tal componente neoplatônico do aristotelismo medieval vai estar presente também no pensamento jesuíta do século XVII<sup>26</sup>. O sistema dedutivo-racional a partir do qual Vieira nos conduz a visualizar a ocorrência (explicitação) das profecias no decorrer da história recorre fundamentalmente à noção de uma verdade fundante, recorrendo freqüentemente ao uso de metáforas. Seguindo a melhor tradição tomista, ele parte do pressuposto de que as profecias, ou palavras certíssimas dos profetas, nos fornecessem a base ou ponto de partida: "serão por nós usadas como uma candeia luzente em um lugar escuro e cavernoso, até que o dia amanheça".

O lugar escuro e cavernoso é o futuro; a candeia que o ilumina são as profecias; o sol que há de amanhecer é o cumprimento delas. E enquanto este sol, que será muito formoso e alegre, não aparece nem coroa os nossos montes, o que só agora podemos e devemos fazer é levar a candeia das profecias adiante, e com sua luz (ainda que luz pequena) entraremos no lugar cavernoso e escuríssimo dos futuros, e veremos o que nele se passa<sup>27</sup>.

A partir de uma "primeira e suma verdade", contida no livro das escrituras e cujo autor é Deus - ele nos mostra como dela se deduzem as demais:

...entrará o discurso como arquiteto de toda a fábrica, dispondo, ordenando, ajustando, combinando, inferindo e acrescentando tudo aquilo que, por consequência e razão natural, se segue e infere dos mesmos princípios; no qual modo de fabricar não se perde a primeira verdade dos fundamentos, mas vai crescendo, dilatando-se e frutificando, não em diverso, senão no mesmo corpo, como a árvore em suas raízes. Desse modo crecem e aumentam todas as ciências, não só as da natureza, senão as divinas, e por isso se chamam e são ciências (grifo meu). Assim como a filosofia de princípios naturais, evidentemente conhecidos, tira conclusões certas, evidentes e científicas, assim a teologia, de princípios sobrenaturais, não evidentes, mas certíssimamente conhecidos, tira conclusões teológicas também científicas, e ainda mais certas, posto que são evidentes<sup>28</sup>.

As ciências, naturais ou divinas, são por ele consideradas "ciências" porque "decorrem de um mesmo princípio certo e evidente,

<sup>25</sup> VAZ, Henrique Lima, *Ensaio de filosofia. problemas de fronteira*. São Paulo: Edições Loyola, 1986. Cap.III

<sup>26</sup> Sobre a influência do neoplatonismo entre os jesuítas no século XVII, ver PAZ, Otávio. *Jor Juana Inês de la Cruz. Las trapas de la fé*. Cambridge, Harvard University Press, 1988.

<sup>27</sup> VIEIRA, A. Op. Cit, p.154

<sup>28</sup> Idem, p.155-6

que lhes garante chegar a conclusões igualmente *certas, evidentes e científicas*. Pressupostos corretos, conclusões verdadeiras: um critério semelhante ao do racionalismo filosófico (e científico) moderno. No que a argumentação de Vieira me parece singular é na forma (“moderno-tomista”) como combina o sobrenatural com o natural. O natural é por ele entendido enquanto o tempo e o estado do mundo nos quais as profecias não de ocorrer. O natural corresponderia ao discurso, e o sobrenatural à profecia. Mas, longe de serem considerados departamentos estanques, natural e sobrenatural, discurso e profecia, são vistos exatamente como partes que buscam ajustar-se entre si. O que se deve ter em vista com o estudo e a especulação natural é, segundo ele, exatamente aquilo que Deus havia manifestado pela revelação sobrenatural e divina. A combinação do sobrenatural e do natural nos permitiria entender e adiantar em muito as profecias, conhecendo delas e por elas até mesmo coisas que não estavam nelas imediatamente reveladas (“coisas, tempos, sucessos e circunstâncias”), e que possibilitam descobrir o novo<sup>29</sup>. O que significa a permissão para se conhecer em “que tempo” (cronológico) e em “qual tempo” (qualidades e circunstâncias) terão lugar as profecias.

Nossa capacidade de entender as profecias viria do fato de os profetas terem profetizado para nós, e sobre as nossas coisas. O que não quer dizer que se trate de uma tarefa fácil ou simples. Pois a iluminação das profecias exige a combinação da “luz dos profetas” (sobrenatural) com a “luz do mundo” (natural) sem descuidar de um *bom método* que nos permita entrar e, mais importante ainda, sair do “labirinto do futuro”, tido por Vieira como o objeto epistemológico por excelência. Para vencer as dificuldades interpostas por tal labirinto sugere-nos o uso não apenas de tochas como também de fios: “as tochas para ver o escuro dos caminhos, e o fio para entrar e sair do intrincado deles”<sup>30</sup>. As profecias e os doutores serviriam de tochas para penetrar no labirinto do futuro, e o discurso seria o fio que os manteria em contato com o seu próprio tempo e circunstâncias.

Tal complementaridade entre o natural e o sobrenatural tornam explícito o compromisso de Vieira com a manutenção da separação medieval entre verdades primeiras e verdades segundas característica da hierarquia do saber medieval. A certeza da teologia (verdade primeira) advém de não ser totalmente fé nem totalmente ciência (evidência), o que a “previne de estar sujeita a erro ou falsidade, ou do perigo de não ser”. Mas mesmo as profecias não canônicas (verdades segundas) podem ser “evidentemente provadas”, pois sendo filhas e herdeiras da mesma verdade original, permitem que delas se deduzam conclusões verdadeiras. Sem contrariar a ordem hierár-

<sup>29</sup> *Ibidem*, p.157

<sup>30</sup> *Ibidem*, p.159

quica da epistemologia medieval, pode-se notar aqui uma certa elevação do status das verdades segundas; é como se elas fossem até mesmo capazes de produzir verdades terceiras... Na *História do Futuro*, Vieira diagnostica a presença de quatro gêneros de verdade, correspondentes a diferentes graus de certeza. Na primeira, a verdade advinda da certeza da fé; na segunda as advindas da certeza teológica; na terceira as da certeza moral; e na quarta as da certeza provável. Mas todas elas se fundam na primeira e suma verdade que é Deus. E é isso que garante uma veracidade maior à *História do Futuro* quando comparada a todas as demais histórias.

Na condição de verdade primeira, a teologia é a única das ciências capaz de alcançar a verdade, através da revelação. A ciência e a moral só seriam capazes de produzir verdades prováveis. E o argumento do *minus probabilismo* garantia a possibilidade, especialmente no campo da moral, de o menos provável ser mais verdadeiro que o mais provável<sup>31</sup>. Já no campo da fé e da doutrina, não havia espaço para relativismos. A verdade era una e única, e correspondia à interpretação correta (objetiva) da Bíblia. No que se refere às manifestações das profecias, Vieira nos esclarece que elas ocorrem na fé, na ciência e na certeza moral.

A disputa entre a busca pela certeza subjetiva e subjetiva e o alcance e os limites do probabilismo, que havia fornecido a opção epistemológica dominante nos últimos séculos, está aqui presente com toda a sua força e vigor<sup>32</sup>. A constatação de que os diferentes pontos de vista dos historiadores não passam de versões (verdades prováveis) reforça em Vieira a crença em que a verdade, para ser realmente verdadeira, tem que ser única, universal e atemporal. Neste caso, tem que provir de uma única fonte ("profecias iluminadas pela razão") e de autor inquestionável (Deus). E mais: têm que ser corretamente interpretadas, tarefa na qual se manifesta a superioridade dos modernos sobre os antigos<sup>33</sup>. O profundo respeito pelos Padres de Igreja, expresso nas abundantes citações dos mesmos, não o impede de concluir que os modernos não devem simplesmente repetir a interpretação patrística das Sagradas Escrituras, mas sim oferecer uma interpretação mais acurada das mesmas. Os autores modernos teriam pelo menos três razões para não seguir em tudo os Padres antigos: os Doutores antigos não disseram tudo, nem acertaram em tudo, nem concordaram em tudo.

<sup>31</sup> Ver NELSON, Benjamin. *On the roads to Modernity*. New Jersey: Rowman and Littlefield, 1981.

<sup>32</sup> Conforme venho assinalando, a busca por certezas cada vez mais garantidas é a marca característica do século XVII. Ver TOULMIN, Stephen. *Cosmopolis. The Hidden Agenda of Modernity*. New York: The Free Press, 1990; NELSON, B. Op. cit.; MORSE, Richard M. *O Espelho de Próspero*. SP, Cia das Letras, 1982.

<sup>33</sup> A abordagem de Vieira da querela dos antigos e modernos me parece um temas mais importantes e melhor tratados em seu livro.

Nas coisas que não disseram, é forçoso falar sem eles; nas coisas em que não acertaram, é obrigação partar-se deles; e nas coisas em que não concordaram, é livre seguir a qualquer um deles, e também será livre e lícito deixar a todos, se assim nos parecer<sup>34</sup>.

Pois o tempo, nos ensina Vieira, "é o melhor comentador das profecias": "o tempo é superior mesmo aos grandes profetas na interpretação das profecias"<sup>35</sup>. Portanto, as coisas novas não devem ser condenadas por serem novas<sup>36</sup>. A verdade profética da *História do Futuro* reside no fato de ela ir-se revelando através do tempo: os Padres não gozaram o privilégio do tempo revelador, mas os modernos o têm, não devido à sua santidade ou sabedoria, mas por causa de sua situação histórica. Mesmo quando as profecias são muito claras, costuma se interpor entre elas e os nossos olhos certas nuvens, com o que sua própria clareza se faz obscura. "Como se hão de entender as revelações com os entendimentos e o olhos vendados?"<sup>37</sup>. Segundo Vieira, não basta que Deus tenha revelado os futuros, é necessário que revele também os olhos: "As nuvens que Deus põe sobre a profecia, o tempo as gasta e as desfaz; mas os véus que os homens lançam sobre seus próprios olhos, só eles o podem tirar, porque eles são o querem ser"<sup>38</sup>. Tal aposta no livre arbítrio é eminentemente moderna, como o é o seu posicionamento na querela entre antigos e modernos:

digamos que descobrimos hoje mais, porque olhamos de mais alto; e que distinguimos melhor porque vemos de mais perto; e que trabalhamos menos, porque achamos os impecilhos tirados. Olhamos de mais alto, porque vimos sobre os passados; vemos de mais perto, porque estamos mais chegados aos futuros; e achamos os impedimentos tirados, porque todos os que cavaram neste tesouro e varreram esta casa, foram tirando impedimentos à vista; e tudo isto por benefício do tempo, ou - para o dizer melhor - por providência do Senhor e dos tempos<sup>39</sup>.

O procedimento acima sugerido é apresentado quase que como um método para aqueles que desejam ser capazes de, como Vieira, interpretar corretamente os textos sagrados e a partir deles ser capaz de uma leitura eficiente (científica) do tempo presente, e mesmo do tempo futuro, no qual a profecia irá se concretizar.

Referências de Vieira ao novo referencial científico aparecem também nos *Sermões*, e não apenas na *História do Futuro*. Uma vez

<sup>34</sup> VIEIRA, A. Op. cit., p.231

<sup>35</sup> Idem, p.172

<sup>36</sup> Ibidem, cap. X

<sup>37</sup> Pergunta semelhante foi feita por Descartes.

<sup>38</sup> VIEIRA, A. Op. cit. p.174

<sup>39</sup> Idem. p.175

que construía os sermões servindo-se do recurso a imagens, a teorias e a modelos cosmológicos, o pregador difundia, mesmo que inconscientemente, um modelo de explicação da natureza. Vieira refere-se explicitamente à teoria de Copérnico, avaliando-a como “errada”, mas nem por isso deixando de influenciar em sua concepção do universo<sup>40</sup>. Vieira utiliza a teoria heliocêntrica como uma ficção, um fingimento”, tal como faz com as fábulas da mitologia. É o que se chama “usar da mentira para persuadir a verdade”<sup>41</sup>. Do ponto de vista que aqui nos interessa acentuar, está aqui mais uma vez presente em Vieira o probabilismo, adotada pelos jesuítas-cientistas: o pressuposto de que a teoria copernicana uma boa teoria, ou ficção, mas sem qualquer correspondência necessária com a realidade.

*Copêrnico, insigne matemático do próximo século, inventou um novo sistema do mundo, em que demonstrou, ou quis demonstrar (posto que erradamente), que não era o Sol que se movia e rodeava o mundo, senão que esta mesma Terra em que vivemos, sem nós o sentirmos, é a que se move, e anda sempre à roda. De sorte que quando a Terra dá meia volta, então descobre o Sol, e dizemos que nasce, e quando acaba de dar a outra meia volta, então lhe desaparece o Sol e dizemos que se põe. E a maravilha desse novo intento, é que na suposição dele corre todo o governo do universo, e as proposições dos astros e medidas dos tempos, com a mesma pontualidade e certeza com que até agora se tinham observado e estabelecido na posição contrária. O mesmo se passa sem erro, e com verdade, nesta passagem nossa, e do mundo. Escolhei das duas opiniões qual quiserdes. Ou seja o Sol se move, ou nós os que nos movemos; ou o Sol se ponha para nós, ou nós para ele, os efeitos são os mesmos. Ou no Dia do Juízo o ocaso seja do mundo, ou no dia da morte seja meu; ou o mundo então acabe para todos, ou eu agora acabe para o mundo, tudo vem a ser o mesmo, porque tudo acaba<sup>42</sup>.*

<sup>40</sup> SARAIVA, Antônio José. “As quatro fontes do discurso engenhoso nos sermões do padre Antônio Vieira” in *O Discurso Engenhoso. Estudos sobre Vieira*, Lisboa: Gradiva, 1996, pp.7-110.

<sup>41</sup> Idem, p.51. Em 1652, quando Vieira recorreu perante a Corte à concepção heliocêntrica do universo não o fez com qualquer objetivo de polémica e muito menos de difusão científica. Nesta ocasião, posicionou-se contrariamente à teoria copernicana.

<sup>42</sup> VIEIRA, Antônio, *Sermões*, ALVES, Pe. Antônio (org.), vol. I, Porto: Lello e Irmão, 1959, 82